



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO

*Hanc servare modum nostri novere libelli  
Percere personis, dicere de vitiis.  
Marcial Liv. 10 Epist. 33.*

Guardarei nesta folha as regras boas  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*Enthusiasmo, & &. (Continuado do  
N.º antecedente.)*

Nem se diga, que huma moral religiosa nunca pode vir a ser universal, visto que o mundo superabunda de Religiões diferentes: pelo contrario eu entendo, que só ao espirito religioso cabe garantir á moral natural o carácter de universalidade, que lhe convém; porque em verdade se as Religiões diferem, he alias incontroverso, que os principaes artigos da moral natural são o fundamento de todas as Religiões; donde resulta, que as maximas, e virtudes mais necessárias á conservação da sociedade humana são em toda a parte a salvaguarda da religiosidade, consciencia: elas tem hum carácter de fixação, de certeza, e energia, que não poderão haver da sciencia dos homens. As Religiões são sim diferentes; mas tracta-se do espirito religioso, desse espirito, que he comum a todos os cultos, e que em todos elles vivifica, alenta as boas acções, e torna se a alma universal da moral, o

centro de unidade em fim, no qual vem terminar tantas incertezas, tantos sistemas, que podem dividir, e descarrear o genero humano.

Mas para que são essas ceremonias (pergunta o incredulo) esses ritos, essas práticas, que não são a virtude, e desgraçadamente lhe usurpão o lugar? Que outra causa são ellas, se não a superstição reduzida a regras, e a principios? Não bastaria reconhecer hum Ente Supremo, e render-lhe as homenagens interiores, unicas, que são dignas delle?

Não permitta Deos, que eu pretenda substituir as virtudes, e deveres por formulas: mas perguntarei antes de tudo ao incredulo, se huma Religião puramente abstracta poderá nunca tornar-se nacional, ou popular? Se deixará de intitular-se para logo huma Religião destituída de culto publico? Não conduzirá ella infallivelmente a multidão á idolatria? Não he por ventura o culto, que conserva a doutrina? Huma Religião, que só fallasse aos sentidos continuaria a ter a soberania das al-

mas? Se nada reunisse os que professo-  
são a mesma crença, não haveria tan-  
tos systemas religiosos, quantos indi-  
viduos? Poderia manter-se por muito  
tempo huma Religião destituída de ins-  
tituições, e de práticas? Por ultimo  
não seria inteiramente apagada do cora-  
ção de todos os homens? Acaso os Phi-  
losophos tornão-se anjos á força d'in-  
strução, e de luzes? E como poderão  
aguardar, que elevem os seus semel-  
lhantes á classe sublime de puras intel-  
ligencias?

Só se deve fazer ( dizem ) o que he  
util, e ensinar o que he rasoavel. Bem:  
mas primeiramente cumpre assentar no  
que he rasoavel, e no que he útil. Rei-  
nará mais harmonia entre os Srs. phi-  
lophantes, depois que são irreligiosos?  
Não tem cada hum delles a sua opinião  
particular, e não se vê reduzido única-  
mente ao seu voto! Qual a verdade  
nova, que se haja descoberto a respeito  
da sciencia dos costumes? Entre tanto  
os Philosophos de hoje julgam-se mais  
sabios, que os de hontem. Na Ale-  
manha a Philosophy moderna de Kant  
já foi suflacada pela Philosophy mais  
moderna de Fichte, e esta já se acha  
substituida pelo Ecletismo. Se há a-  
inda alguma causa de estavel, e con-  
stante he entre os que profissão hum culto,  
e estão unidos pelos vinculos da  
Religião. Os mais não nos podem di-  
zer no que creem: elles mesmos o não  
sabem: recebêrão o poder de destruir;  
não assim o de edificar.

Negar a utilidade dos ritos, e prá-  
ticas em materia de Religião, e de Moral  
he dar prova de delirio, e de inepcia;  
porque he o mesmo que negar o impe-  
rio das noções sensiveis sobre entes, que  
não são puros espíritos, e negar igual-  
mente a força do habito. Os ritos, e prá-  
ticas são para a Moral, e para as verda-  
des religiosas o que são os signaes para  
as ideias. Ao Christianismo he, que  
a Europa, e o universo deve a conser-  
vação da grande verdade da unidade de

Deos, da immortalidade d'alma, e de  
todos os mais dogmas da Theologia na-  
tural. Pelos ritos, e praticas Christêas  
he, que os homens mais simples, e  
grosseiros tornão-se mais firmes nestas  
verdades, e nestes dogmas, e tem ideias  
mais claras, e precisas do Ente Supre-  
mo, e do destino do homem, do que  
os Socrates, e Platôs, isto he: do que  
os mais celebres philosephijs d'antiguidade.  
Por isso em os ultimos tempos da  
façanhosa Revolução Franceza os Theo-  
philantropos abrirão templos, compe-  
zerão livros, e estabelecêrão cere-  
monias, tendo reconhecido a necessidade  
de fixar, e propagar o seu theismo por  
hum culto.

O mesmo atheismo absoluto quiz ter  
seus pontifices, seus ritos, e seus al-  
tares. Primeiramente dedicarão se tem-  
plos á Rasão: cantarão-se hymnos, e  
celebrarão-se festas em honra, e louvor  
desta fragil divindade. Ao depois me-  
lancolicos, e terríveis sectarios, que  
tomará o abominavel titulo de *homens sem Deos*, reunirão-se em sociedade  
para conspirar contra o mesmo Deos.  
Estes desgraçados, levando a irreligião  
a ponto de furor, e de estupidez, ou-  
sárão obrigar-se por juramento a delir  
em todos os espíritos, e corações a  
ideia, e sentimento do Deos vivo, e  
terrivel, cujo augusto nome só he ca-  
paz de garantir a fé dos júramentos;  
porque só a sua vista pode penetrar o  
abyssmo das consciencias. Estes furio-  
sos tinhão assembléas periodicas, con-  
vocavão o povo, e o cathequisação.

Elles procuravão intimidar por amea-  
ças a aquelles, que recusavão adherir,  
ao menos por baixa condescendencia ao  
seu ensino criminoso. Apregosavão,  
que querião viver separados do mundo:  
professavão a hyprocrita renuncia de  
todos os empregos; impunhão-se a lei  
de não assistir a nenhum festim, a ban-  
quete algum. Parecia, que taes indi-  
viduos, ainda buscavão conservar alguma  
communicação com os de mais homens

só para disseminar por toda a parte o contagio, a morte, e o crime. Mas quem acreditaria? Estes mesmos homens tinham instituido solemnidades. No meio dos seus templos estava posto hum volumoso registro, e este infame documento, onde escrivião os nomes, e ações dos que tinham a desgraça de ser recomendados por esses sacerdotes da impostura, e da mentira, era apresentado ao respeito, e adoração d'hum multíssimo insensato, e devia substituir entre as Nações o Deos do Céo, e da terra! Coisa inaudita, e até então sem exemplo! Não se queria mais, que a Religião tivesse culto, ao mesmo passo que a impiedade o obtinha! Que digo? Só a esta era permittido aceitar, e conservar seus fiéis, a ter em summa as formas, e aparato da Religião!

O incredulo parece sempre suppor, que a Religião he a fonte unica dos prejuizos, da superstição, e do fanatismo. Mas quem há hi, que ignore, que qual quer opinião religiosa, política, ou philosophica pode produzir entusiasmas, e fanaticos? Meras questões de Grammatica tem chegado quasi aos extremos d'uma guerra civil. Logo os prejuizos, e superstição não partem unicamente das praticas, e ideias religiosas. O famoso Imperador Juliano, tão philosopho em seu governo, não se mostrou o mais supersticioso dos homens em suas ideias? Há incredulo, que deixa de crer em Deos para acreditar no diabo. Bem incredulos erão na meia idade Cardan, Pomponace, e Bodin, e entregarião-se ás praticas, e opiniões mais insensatas.

Os prejuizos não são certamente partilha exclusiva da Religião; porque se há prejuizos religiosos, também os há d'Estado, de Sociedade, e até de secular. Prejuizos existirão, em quanto existirem homens. Em geral entende-se por prejuizo toda a opinião, que não formamos por nós mesmos, e só abraçamos de outrem; e deste modo assim a

verdade, como o erro podem tornar-se matéria de prejuizos. Quantos homens adherem aos systemas de Copernico, ou de Newton, sem conhecer nenhuma das raizes, em que se elles fundam! Se neste sentido se pode dizer, que a multidão tem aferro ás verdades da Religião por prejuizo; também por prejuizo he, que ella abraça todas as opiniões verdadeiras, ou falsas, que vogão no mundo. Em toda a parte a sciencia he patrimonio de hum pequeno numero. Por ventura os mesmos incredulos, os scepticos mais obstinados o são com profundo conhecimento de causa? Tem elles examinado, e discutido os objectos de suas duvidas, ou de seu scepticismo com a attenção, que se presta aos mais pequenos negocios da vida? Se na lingua vulgar sempre se fallou na *fé do carvoeiro*; parece, que hoje com igual rasão poderemos lastimar a *incredulidade do carvoeiro*. Quantos philosophantes d'orelha nenhum titulo tem para reclamar contra o posto obscuro, que agora lhe assigno!

O vocabulo *prejuizo* he algumas vezes exclusivamente applicado ao erro; e então sempre se toma pela má parte. Serve para designar toda a opinião, que nasce da ignorancia, do habito, d'uma enganosa insinuação, ou d'hum juizo precipitado. Neste sentido dizemos: os prejuizos d'Astrologia, o prejuizo do falso ponto de honra nos duelos, os prejuizos nacionais, os prejuizos do tempo, &c. Mas ainda de baixo deste respeito qual he a classe de homens, em qualquer materia, que seja, que não tenha prejuizos? A mesma Philosophia não nos isenta de pagar este tributo á fraqueza humana. Geralmente he accusado o povo de cheio de prejuizos, de ser sempre seduzido por vãs apparencias, de nunca ver as cousas, se não por huma face, de crer em todos os rumores, de julgar ordinariamente da opinião pelas pessoas, e destas pelos postos, ou dignidades, que ocupão.

# ILEGÍVEL

O povo (diz se) teme a apparição dos cometas; visto que por huum concurso fortuito grandes desgraças seão manifestado no anno, em que vemos os taes cometas. Elle crê, que o sol anda, e a terra está parada; porque a immobildade desta, e o curso d'aquele são para elle duas consas apparantes. Confunde a simples alegação d'hum facto com a sua prova. Qualquer o illude, huma vez que ande bem trajado, e faça figura na sociedade. Tudo isto he incontestavel: mas também o não he o serem os philosophos povo, e muitas vezes mais que o mesmo povo? Comparemos, e julguemos.

O materialismo, e atheismo de huma grande parte dos nossos jovens inettidos a sabichões, não são accaso duas opiniões, a que podemos assignar os mesmos caracteres, e a mesma origem, que ás opiniões, e prejuizos mais grosseiros do povo? Sobre que fundamento creem taes materialistas, que a materia he, que pensa, e que Deos não existe? He, dizem elles, porque não vemos a Deos, e encontramos o pensamento unido a corpos organizados. Deste modo hum astronomo não he atheo, senão porque zanga-se de não achar a Deos na extremidade do seu telescopio, o jurista; porque não o ve demonstrado no Pascoal, e o medico torna-se materialista; porque a alma humana escapa aos instrumentos d'Anatomia, e nunca pôde constar, v. g., pelo juizo, pela memoria, & com o seu escalpello.

Que mais faz o povo, quando crê no curso do sol, e na immobildade do nosso globo? Elle fica nas apparencias, como o materialista, e atheo; e nisto ainda he mais excusável, do que estes; porque relativamente á marcha apparente do sol, e á apparente immobildade da terra elle nada encontra em si mesmo, que o possa desenganar: fora miser, que estivesse no caso d'examinar outros factos, que se lhe não podem

tornar facilmente sensiveis. Pelo contrario o materialista, e atheo achão em si o sentimento, e a intelligencia, que não tem nenhuma das propriedades da materia: elles encontrão em sua consciencia, e razão o dogma da necessidade d'hum Inteligencia Suprema: vozão, que os corpos pensão, e a materia he eterna, confessando ao mesmo passo, que não concehem nem hum, nem outro destes dous misterios; e tendo d'escolher on estes trevas espessas, que parecem lançar hum véo funebre sobre o universo, ou verdades, que, posto que incomprehensiveis, se atão a todas as mais verdades conhecidas do sentimento, e da razão, sacrificião perpetuamente à realidade, cuja evidencia encontrão em seu espirito, e coração, a apparencias sem provas, que malão ao mesmo tempo o coração, e o espirito.

O povo (tambem se diz) admite as relações de causa, e d'efeito em os acontecimentos, cujo concurso não he as mais das vezes, se não obra do accaso, taes como a coincidência d'hum guerra, d'hum fome, ou d'hum peste com a apparição d'hum cometa. Mas quantos systemas physicos há, que provão, que em inumeras occasões os philosophos não tem tido outra Logica diferente da do povo! Nas Historias quantas revoluções politicas se não atribuem a causas, que não as produzirão!

O povo realiza chimeras: e os philosophos não realizão abstracções? Não há palavras obscuras, e inintelligiveis, que exercem sobre pretendidos philosophos o imperio tyrannico, que certas praticas exercem sobre a multidão? O povo crê em todos os boatos: e os philosophos não adoptão successivamente todos os systemas? Há hum só absurdo (diz o maximo Orador Romano) que não fosse estreado por algum sceptista? O povo conduz-se por maximas sediças: elle abraça por verdades incontestaveis proverbios, que não são, se não prejuizos: os philosophos querem levar tudo por generalidades vagas, que em sua applicação illimitada são simultaneamente prejuizos, e êrros.

(Continuar-se-há.)